



C A P Í T U L O 8

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO ATENDIMENTO CLÍNICO: FAVORECENDO A ANAMNESE E CONTRIBUINDO PARA A HUMANIZAÇÃO DA PRÁTICA MÉDICA

Clarissa Alves de Araújo

Discente do Curso de Medicina do Centro Universitário
de Patos de Minas- UNIPAM, MG-Brasil.

Danyane Simão Gomes

Discente do Curso de Medicina do Centro Universitário
de Patos de Minas- UNIPAM, MG-Brasil.

Emanuelle Rosário Brito Durães

Discente do Curso de Medicina do Centro Universitário
de Patos de Minas- UNIPAM, MG-Brasil.

Júnia Marise Ramos

Discente do Curso de Medicina do Centro Universitário
de Patos de Minas- UNIPAM, MG-Brasil.

Larissa Pereira Rocha Signorelli

Discente do Curso de Medicina do Centro Universitário
de Patos de Minas- UNIPAM, MG-Brasil.

Alanna Simão Gomes Saturnino

Docente do Curso de Medicina do Centro Universitário
de Patos de Minas- UNIPAM, MG-Brasil.

O primeiro contato entre médico e paciente ocorre durante a anamnese, o que torna este momento essencial durante uma consulta. É neste instante, que o paciente precisa sentir-se acolhido e, para isso, o profissional deve realizar uma escuta ativa, a fim de identificar a sua queixa principal, as características sociodemográficas/ culturais e o perfil característico dos quadros apresentados (Pereira *et al.*, 2023).

A relação médico-paciente depende de ambas as partes, de forma que a troca de informações entre elas ocorra de forma clara, objetiva e humanizada. O cuidado não deve restringir-se somente às queixas principais, mas é fundamental que o profissional faça uma história clínica reflexiva, no sentido de compreender e respeitar o paciente como pessoa (Bucker *et al.*, 2018).

Com o recente avanço tecnológico, recursos diagnósticos e de avaliação tornam-se aliados do médico durante a consulta, o que pode facilitar o acolhimento e a atenção destinada ao paciente, trazendo maior qualidade ao atendimento. Esta maior interação promove o bem-estar do paciente e do profissional de saúde e favorece a coleta de informações, o que consequentemente, leva a um diagnóstico mais rápido e certo (Gonçalves *et al.*, 2016).

A Inteligência Artificial (IA) está sendo cada vez mais utilizada na saúde, com a promessa de melhorar a precisão diagnóstica. Além disso, ela pode auxiliar na redução de custos de rastreio de doenças e melhorar a sensibilidade e especificidade de diagnósticos. Nesse contexto, a IA já foi implementada em alguns métodos diagnósticos como, por exemplo, raio-X, eletroencefalograma (ECG), histopatológico, entre outros (Aro *et al.*, 2023).

Ela também pode ser uma importante aliada na otimização de processos clínicos, como a anamnese, contribuindo para um atendimento mais eficiente e personalizado (Silva *et al.*, 2020). A IA mostra-se benéfica durante a anamnese ao promover a oportunidade de uma maior interação entre profissional-paciente, já que oportuniza a escuta ativa e a interação entre estes dois sujeitos, possibilitando uma maior humanização do cuidado. Ao oportunizar esta maior interação entre o profissional e o paciente, o médico não foca somente no caráter biomédico da enfermidade, mas se atenta ao comportamento, anseios, sentimentos e percepções que o paciente tem acerca de sua condição (Wagstaff; Fernandes, 2024).

No entanto, sua aplicação nesse contexto também levanta importantes questões éticas, especialmente em relação à privacidade dos dados, à transparência dos algoritmos e ao risco de desumanização do cuidado. A introdução da IA na anamnese exige atenção redobrada para que a tecnologia complemente — e não substitua — a escuta sensível e o julgamento clínico do médico (Elias *et al.*, 2023).

A utilização de IA para aprimorar a anamnese pode resultar em uma triagem mais eficaz, reduzindo erros humanos e aumentando a assertividade na identificação de condições médicas (Pereira *et al.*, 2021). Esta ferramenta no atendimento clínico pode contribuir para a humanização da prática médica ao automatizar tarefas repetitivas e diminuir a carga de trabalho administrativo. Com isso, os médicos podem dedicar mais tempo à interação com os pacientes, promovendo uma abordagem mais empática e centrada no ser humano. Isso é particularmente importante em um contexto em que o tempo escasso e a sobrecarga de trabalho podem prejudicar a qualidade da relação médico-paciente (Costa; Ferreira; Oliveira, 2022).

Assim, a IA favorece o cuidado centrado na pessoa, de modo que o médico esteja mais disponível ao paciente, facilitando a identificação de campos subjetivos, emocionais e cognitivos, importantes durante uma anamnese. Este cuidado torna a clínica mais eficiente, além de criar maior satisfação e adesão ao tratamento (Bucker *et al.*, 2018).

Desta forma, com o potencial de melhorar a qualidade da anamnese e contribuir para uma prática médica mais humanizada, a IA tem se mostrado uma ferramenta promissora no avanço da medicina. No entanto, para garantir que seus benefícios sejam plenamente alcançados, é necessário um equilíbrio entre tecnologia e a preservação dos valores humanos na prática clínica (Almeida *et al.*, 2024).

HUMANIZAÇÃO DO ATENDIMENTO MÉDICO

A humanização no cuidado médico representa um pilar essencial para o fortalecimento da relação entre profissionais de saúde e pacientes. Essa abordagem busca desenvolver interações mais empáticas e colaborativas, favorecendo a construção da relação médico-paciente. Nesse modelo, a pessoa enferma é compreendida como um ser humano integral, cujas dimensões físicas, emocionais e sociais devem ser reconhecidas e respeitadas. Essa perspectiva amplia o papel do paciente, permitindo sua participação ativa nas decisões relativas ao seu processo de cuidado, o que contribui diretamente para sua autonomia e bem-estar (Ovando; Bourlegat; Pavon, 2023).

Em continuidade a essa perspectiva, a interdisciplinaridade surge como um elemento indispensável, ao integrar saberes da bioética e da humanização no cuidado. Tal integração é essencial para romper com o modelo biomédico tradicional, muitas vezes pautado pelo tecnicismo, que tende a negligenciar a complexidade e a integralidade do ser humano (Albuquerque, 2015).

Diante dessa realidade, evidencia-se a importância de políticas públicas e institucionais voltadas à formação humanista dos profissionais da saúde. É fundamental investir em uma educação que priorize a escuta qualificada, o acolhimento e o respeito às subjetividades, assegurando um cuidado centrado na pessoa. Isso favorece o estabelecimento de vínculos terapêuticos sólidos e contribui para a construção de uma prática clínica mais ética e responsiva às necessidades reais dos indivíduos (Sousa *et al.*, 2024).

No campo dos resultados clínicos, especialmente no enfrentamento de transtornos de ansiedade, a humanização também se revela por meio da adoção de metodologias como o Método Clínico Centrado no Paciente (MCCP). Essa abordagem enfatiza a colaboração e a empatia na relação médico-paciente, proporcionando um ambiente de cuidado mais acolhedor e seguro. Estudos demonstram que práticas centradas na comunicação eficaz e na escuta ativa, elementos centrais do MCCP, têm impacto direto na adesão ao tratamento e na satisfação dos usuários dos serviços de saúde, reforçando a eficácia da humanização no processo terapêutico (Benigno *et al.*, 2025).

A aplicação de estratégias humanizadoras no ambiente hospitalar tem mostrado resultados significativos, como revela a revisão integrativa realizada por Ferreira *et al.* (2021). O estudo destaca diversas intervenções bem-sucedidas, como a contação de histórias, brinquedotecas, terapias assistidas por animais, presença de palhaços e atividades musicais, especialmente em unidades pediátricas. Essas ações contribuem para o bem-estar emocional dos enfermos, promovem maior interação entre as equipes de saúde e os usuários, e criam um ambiente hospitalar mais acolhedor. Além disso, iniciativas como oficinas de sensibilização e a escuta das preferências dos pacientes em relação ao espaço físico do hospital demonstram o valor de uma abordagem participativa e adaptada à realidade dos usuários (Ferreira *et al.*, 2021).

Nesse cenário, a Política Nacional de Humanização (PNH), instituída pelo Ministério da Saúde, estabelece diretrizes fundamentais para integrar princípios éticos e participativos na atenção e gestão dos serviços do Sistema Único de Saúde (SUS). A PNH promove a valorização da autonomia dos sujeitos, a corresponsabilidade no cuidado e o fortalecimento dos vínculos humanos nas práticas de saúde. No entanto, ainda persistem desafios em sua implementação, como a escassa participação dos profissionais nas decisões institucionais e a falta de investimentos contínuos em educação permanente. Superar essas barreiras exige o comprometimento dos gestores, a escuta ativa dos trabalhadores e usuários e a construção coletiva de práticas que respeitem as especificidades de cada instituição, garantindo um cuidado mais ético, resolutivo e humanizado (Ferreira *et al.*, 2021).

Paralelamente, Norberto e Rago (2024) demonstra que as inovações em saúde digital – impulsionadas, em grande parte, pela rápida expansão das Tecnologias da Informação e Comunicação durante a pandemia de COVID-19 – têm potencial para transformar a experiência do cuidado. Por meio de uma revisão da literatura, os autores identificaram quatro modelos de ferramentas digitais, como plataformas de telessaúde, sistemas de apoio à decisão e aplicativos móveis, que facilitam o acesso à informação, a comunicação entre profissionais e usuários, e promovem o compartilhamento de responsabilidades. Essa integração tecnológica contribui para uma prática assistencial mais empática, aumentando a autonomia dos pacientes, a adesão aos tratamentos e, conseqüentemente, os resultados clínicos (Norberto; Rago, 2024).

ANAMNESE

A anamnese é uma das etapas mais importantes no processo de atendimento médico, considerada a principal ferramenta para a coleta de informações sobre a saúde do paciente. Ela consiste em uma entrevista estruturada, em que o médico busca compreender o histórico do paciente, suas queixas atuais - início, evolução e característica; condições pré-existentes - doenças prévias, cirurgias, medicamentos de uso contínuo e alergias; fatores de risco e outros aspectos que possam influenciar

no diagnóstico e no tratamento. Por meio da anamnese, o médico consegue formar um quadro clínico detalhado, possibilitando a identificação de doenças ou condições que possam afetar a saúde do paciente, bem como direcionar as etapas seguintes do atendimento, como exames complementares e terapias (Yehia *et al.*, 2024).

Outra parte fundamental da anamnese é a investigação dos antecedentes familiares, já que certas condições podem ser hereditárias ou mais prevalentes em algumas famílias. A anamnese também aborda os hábitos de vida do paciente, como alimentação, prática de atividades físicas, consumo de substâncias como álcool, tabaco ou drogas, e aspectos psicossociais que possam influenciar o quadro clínico (Aro *et al.*, 2023). A revisão de sistemas, outra importante etapa da anamnese, garante que nenhum sintoma relevante seja negligenciado, mesmo que não esteja diretamente relacionado à queixa principal do paciente, permitindo uma abordagem mais abrangente que pode ajudar a identificar condições subjacentes. Essa etapa da anamnese é frequentemente associada a uma maior precisão no diagnóstico (Oliveira; Rocha; Alavarase, 2024).

A anamnese, portanto, não se limita a uma simples coleta de dados clínicos, mas a uma oportunidade para estabelecer uma comunicação eficaz entre médico e paciente. A empatia, a escuta ativa e a capacidade de criar um ambiente de confiança são essenciais para que o paciente se sinta à vontade para compartilhar informações importantes. A qualidade da anamnese está diretamente relacionada à precisão do diagnóstico e ao sucesso do tratamento, já que ela fornece as bases para a formulação de hipóteses diagnósticas e a escolha dos exames e das intervenções adequados, possibilitando acompanhamento eficiente (Yehia *et al.*, 2024).

Contudo, ela também enfrenta desafios, como a limitação de tempo nas consultas médicas, especialmente em sistemas de saúde com alta demanda, o que pode comprometer a coleta detalhada de informações. Além disso, barreiras de comunicação, como dificuldades na linguagem, falta de confiança do paciente ou fatores culturais, podem impactar a qualidade dessa prática e, consequentemente, o diagnóstico final. A habilidade do médico em superar esses desafios, mantendo uma abordagem empática e sistemática, é crucial para o sucesso dessa etapa no atendimento médico (Yehia *et al.*, 2024).

Em suma, a anamnese é uma ferramenta indispensável para o diagnóstico e tratamento médico fundamental na prática clínica por fornecer a base para o desenvolvimento do raciocínio clínico (Brites *et al.*, 2023). Ela fornece informações cruciais sobre o paciente criando um espaço de diálogo que facilita a construção de uma relação de confiança. Sua realização de forma adequada tem um impacto direto na qualidade do atendimento e nos resultados clínicos obtidos. A formação e o treinamento contínuo dos profissionais de saúde são essenciais para garantir que a anamnese seja conduzida de maneira eficaz e sensível às necessidades do paciente (Aro *et al.*, 2023).

O profissional de saúde, na prática de uma anamnese voltada para diagnósticos eficientes e cumprimento do plano terapêutico deve, portanto, postar-se como um bom ouvinte de forma a conduzir uma entrevista que vá construir confiança, humanização, eficácia e integralidade ao entrevistado, por meio de empatia e respeito. No entanto, essa não é uma habilidade majoritariamente consolidada entre a classe médica brasileira, demonstrando um certo despreparo na formação de profissionais que garantam atendimento mais efetivo (Rizon; Theodorovitz; Pesce, 2022).

Conduzir uma entrevista clínica, exige tempo, compreensão e sensibilidade. É necessário perceber as necessidades, medos e angústias vividas pelo paciente. Para tanto, comunicação verbal e não-verbal são ferramentas indispensáveis nessa prática, aperfeiçoando resultados na melhora da saúde e qualidade de vida do paciente (Rizon; Theodorovitz; Pesce, 2022). Algumas estratégias potencializam esse aperfeiçoamento como a escuta ativa, a comunicação assertiva e o cuidado holístico, os quais consideram a patologia, mas também o contexto que o paciente está inserido (Freitas *et al.*, 2022). Uma anamnese bem conduzida contribui tanto para a precisão diagnóstica quanto para a elaboração de um plano terapêutico eficaz, com impactos positivos na saúde e qualidade de vida do paciente (Silva *et al.*, 2023).

USO DA IA COMO FERRAMENTA PARA A CONSTRUÇÃO DA ANAMNESE

A Medicina, como campo em constante transformação, deve incorporar os avanços tecnológicos disponíveis para aprimorar o raciocínio clínico e contribuir no cuidado com os pacientes e no tratamento de enfermidades (Barreto *et al.*, 2023).

A aplicação da inteligência artificial na coleta de dados para documentação médica surge como uma alternativa nova para tornar mais ágil o registro de informações clínicas, reduzindo o volume de tarefas administrativas dos profissionais de saúde e aprimorando tanto a qualidade, quanto a eficiência do atendimento aos pacientes. Por meio de tecnologias como o processamento de linguagem natural, reconhecimento automático de voz e métodos avançados de geração de texto, esses modelos de IA são capazes de registrar conversas entre médicos e pacientes e produzir esboços de prontuários em estruturas padronizadas, como os modelos SOAP (Subjetivo, Objetivo, Avaliação, Plano) e BIRP (Comportamento, Intervenção, Resposta, Plano). Além disso, o processo contínuo de refinamento das anotações clínicas, com base em informações obtidas em consultas futuras, contribui para aumentar a exatidão e a completude dos registros, assegurando que eles reflitam com precisão a evolução clínica e a terapêutica do paciente (Biswas; Talukdar, 2024).

A IA apresenta grande potencial como ferramenta de apoio à ciência médica, especialmente por sua eficácia na análise, processamento de dados e aprendizado. Apresenta-se como uma ferramenta valiosa para auxiliar as equipes médicas na diminuição do tempo e do esforço exigidos nos processos diagnósticos. Dentre as

soluções utilizadas, destacam-se os *chatbots*, que oferecem diversos benefícios, como a possibilidade de permitir que os profissionais de saúde possam dedicar mais tempo ao atendimento humanizado e personalizado dos pacientes (Palanica *et al.*, 2019).

Os *chatbots* são ferramentas computacionais com grande potencial para melhorar a interação entre seres humanos e máquinas. Eles ajudam a reduzir o esforço cognitivo dos usuários ao aproximar a linguagem usada para se comunicar com sistemas computacionais da linguagem natural. Essa interação é feita por meio de mensagens automatizadas, focadas em tarefas específicas. Esses programas atuam como sistemas cognitivos, capazes de auxiliar no processamento de informações e na tomada de decisões, com a vantagem de estarem disponíveis 24 horas por dia, proporcionando suporte contínuo. No campo da saúde, suas funcionalidades são especialmente valiosas no atendimento ao paciente, facilitando a coleta de informações, respondendo a dúvidas, oferecendo recomendações ou direcionando os usuários para outros recursos *online* (Cruz *et al.*, 2018).

A utilização da IA na medicina tem sido cada vez mais investigada. Os estudos indicam que existem preocupações relacionadas à confiança no uso da IA. É necessário garantir que o profissional não dependa unicamente das interpretações clínicas realizadas pela IA, ele precisa desenvolver um olhar crítico e sensível às diferentes possibilidades de um quadro clínico. Nesse contexto, é fundamental analisar e estudar como a IA pode ser uma ferramenta estratégica para integrar esse conhecimento, sem perder de vista a sabedoria humana, que é o elemento distintivo na interação entre o ser humano e a tecnologia (Alonso *et al.*, 2024).

DESAFIOS ÉTICOS QUANTO AO USO DA IA PARA CONSTRUÇÃO DA ANAMNESE

A anamnese é um momento central do cuidado médico, sendo mais do que uma coleta de dados: trata-se de uma escuta ativa que constrói vínculos e capta nuances emocionais (Laranjo *et al.*, 2020). Com a introdução da IA nesse processo — por meio de *chatbots*, assistentes virtuais e algoritmos de linguagem natural — surgem promessas de maior eficiência, mas também dilemas éticos relevantes. O uso dessas tecnologias levanta preocupações quanto à preservação da subjetividade e à individualização do cuidado, colocando em tensão a padronização dos algoritmos com a complexidade humana (Gala *et al.*, 2024).

Três grandes áreas concentram os desafios éticos: a desumanização do atendimento, o viés algorítmico e a redistribuição da responsabilidade médica. A desumanização ocorre quando a escuta médica é substituída por interações robóticas que não captam sinais sutis de sofrimento, hesitações ou contradições no discurso. Casos clínicos demonstram que essa limitação pode comprometer diagnósticos, especialmente em populações vulneráveis, como idosos ou pacientes psiquiátricos (Leonel *et al.*, 2024).

A IA, neste contexto de construção da anamnese, pode falhar não só em humanizar, mas também em compreender. O viés algorítmico é outra ameaça significativa. Algoritmos refletem os dados e os contextos nos quais foram treinados e, ao não contemplarem a diversidade sociocultural e linguística, acabam reproduzindo desigualdades já existentes. Estudos mostram que esses sistemas podem errar ao interpretar sintomas em populações marginalizadas, ignorar expressões regionais ou deixar de levantar questões fundamentais à realidade de pacientes periféricos (Naves, 2024). Para tornar a IA realmente ética e eficaz, exigirá treinar algoritmos com dados diversos e auditá-los regularmente com enfoque interdisciplinar (Obermeyer *et al.*, 2020).

Por fim, a responsabilidade médica se torna difusa com a automação. Tradicionalmente atribuída ao médico, a responsabilidade por decisões clínicas se complica quando sistemas automatizados participam da coleta e análise de informações. Um erro algorítmico pode afetar diagnósticos e tratamentos, gerando dúvidas sobre quem deve ser responsabilizado: o médico, o desenvolvedor ou a instituição (Bernardes *et al.*, 2024). É necessário, portanto, estabelecer estruturas de corresponsabilidade e oferecer formação adequada aos profissionais, garantindo que a confiança na IA não substitua o pensamento crítico, e que a proteção ao paciente permaneça no centro do cuidado (Dias, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de tecnologias na área da saúde traz benefícios tanto aos pacientes quanto aos médicos, demonstrando sua importância quando utilizada com indicação correta. No entanto, apesar do advento de novas tecnologias, é importante destacar que a anamnese bem-feita e o exame físico continuam sendo fundamentais para o diagnóstico preciso e eficaz.

Assim, a utilização de IA no atendimento clínico, especialmente no processo de anamnese, tem mostrado um grande potencial para transformar a prática médica, oferecendo suporte valioso aos profissionais de saúde e contribuindo para a humanização do atendimento. A revisão dos artigos abordados neste estudo revela que, embora a implementação de IA no contexto médico ainda seja um campo em desenvolvimento, os resultados obtidos até o momento são promissores. Além disso, a IA pode proporcionar um atendimento mais personalizado, adaptado às necessidades específicas de cada paciente, o que é essencial para a humanização da prática médica.

Entretanto, a implementação desta ferramenta na área médica deve ser realizada de forma cautelosa, levando em consideração as implicações éticas e os desafios relacionados à privacidade e à segurança dos dados dos pacientes. O nível de

confiança do paciente no uso dessas tecnologias é um fator crucial para o sucesso da integração da IA na medicina. Além disso, é importante que os médicos recebam treinamento adequado para a utilização dessas ferramentas de forma eficaz e transparente, explicando aos pacientes como a IA está sendo empregada e garantindo que as decisões finais sejam sempre baseadas na análise humana.

Nesse contexto, é fundamental reconhecer que os avanços tecnológicos não devem ser rejeitados — mas tampouco podem ser incorporados de forma acrítica. O futuro da anamnese mediada por inteligência artificial não deve prescindir da escuta humana. O grande desafio contemporâneo é desenvolver tecnologias eticamente orientadas, que respeitem a diversidade, promovam justiça e reforcem — e não enfraqueçam — a centralidade do paciente na prática médica. Nenhum algoritmo, por mais sofisticado que seja, pode substituir o ato primordial de um médico olhar nos olhos de um paciente e escutá-lo com empatia. A IA deve, portanto, ser vista como uma ferramenta complementar e não como um substituto para o contato humano, essencial na prática médica.

Por fim, o futuro do atendimento clínico parece promissor com a contínua evolução da IA. A tendência é que, à medida que as tecnologias se aprimorem, o impacto positivo na anamnese e no diagnóstico médico se amplifique, permitindo aos profissionais de saúde oferecer cuidados ainda mais precisos e rápidos. A humanização do atendimento não deve ser perdida de vista, pois a interação humana continua sendo um pilar fundamental na medicina. Assim, é necessário um equilíbrio entre a inovação tecnológica e a preservação da empatia, da comunicação e da confiança, elementos indispensáveis para a construção de um atendimento de saúde de qualidade. A continuidade da pesquisa e o desenvolvimento de soluções tecnológicas mais acessíveis e eficientes contribuirão para que a IA se torne um aliado ainda mais poderoso na promoção de uma medicina mais precisa, eficaz e humanizada.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, A. Os direitos humanos na formação do profissional de medicina. **Revista de Medicina**, v. 94, n. 3, p. 169–178, 2015.

ALMEIDA, R. L. *et al.* Inteligência artificial no apoio ao diagnóstico médico: implicações éticas e práticas. **Revista Brasileira de Inteligência Artificial**, v. 13, n. 2, p. 56-63, 2024.

ALONSO, T. R. *et al.* Uso da Inteligência Artificial na Medicina Contemporânea - Uma Revisão Integrativa: Use of Artificial Intelligence in Contemporary Medicine-An Integrative Review. **Revista de Epidemiologia e Saúde Pública-RESP**, v. 2, n. 1, 2024.

ARO, A. L. B. Q. *et al.* A Evolução da Semiologia Médica: da Anamnese às Novas Abordagens Tecnológicas. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 5, n. 5, p. 5706-5716, 2023.

BARRETO, D. H. S. *et al.* Aplicabilidade da Inteligência Artificial (IA) na Promoção da Saúde: Desafios e Perspectivas. **Revista Multidisciplinar em Saúde**, v. 4, n. 3, p. 101-106, 2023.

BENIGNO, N.S. *et al.* A importância do atendimento centrado na pessoa na adesão ao tratamento de transtorno de ansiedade. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 1, p. 01–13, 2025.

BERNARDES, A. L. M. *et al.* Implicações éticas e morais do uso da Inteligência Artificial na medicina: uma revisão integrativa. **Revista Educação em Saúde**, v. 12, n. Suplemento 2, p. 232–241, 2024.

BISWAS, A.; TALUKDAR, W. Intelligent clinical documentation: Harnessing generative ai for patient-centric clinical note generation. **International Journal of Innovative Science and Research Technology**, v. 9, n. 5, p. 994-1008, 2024.

BRITES, R. *et al.* A Importância de Não Descurar a Anamnese em Tempos de Pandemia: Uma Síndrome de Abstinência de Paroxetina. **Gazeta Médica**, v. 10, n. 1, p. 46–50, 2023.

BUCKER, L. C. G. *et al.* Comunicação acessível na relação médico-paciente durante a anamnese. **Revista Interdisciplinar Pensamento Científico**, v. 4, n. 1, p. 134-142, 2018.

COSTA, M. F.; FERREIRA, D. R.; OLIVEIRA, L. A. A humanização do atendimento médico com o uso de inteligência artificial. **Jornal de Medicina e Tecnologia**, v. 18, n. 4, p. 78-85, 2022.

CRUZ, L.T. *et al.* **Assistentes virtuais e chatbots: Um guia prático e teórico sobre como criar experiências e experiências encantadoras para os clientes**. Rio de Janeiro: Brasport; 2018. 320 p.

DIAS, C. C. **Pandemia: a resiliência do sistema de saúde**. 1. ed. Lisboa: Leya, 2021. 160 p.

SWAMY, P. M.; BLEASE, M.; BODNER, K. Artificial intelligence and the future of psychiatry: Insights from a global physician survey. **Artificial Intelligence in Medicine**, Amsterdam, v. 102, p. 101753, 2020.

ELIAS, M. A. *et al.* Inteligencia artificial en salud y sus implicaciones bioéticas: una revisión sistemática. **Revista Bioética**, v. 31, p. e3542PT, 2024.

FERREIRA, J. D. O. *et al.* Estratégias de humanização da assistência no ambiente hospitalar: uma revisão integrativa. **Revista Ciência Plural**, v. 7, n. 1, p. 147–163, 2021.

FREITAS, F. G.; *et al.* Relação médico-paciente: a importância de um atendimento humanizado. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 5, n. 6, p. 25301-25310, 2022.

GALA, D.; *et al.* The Role of Artificial Intelligence in Improving Patient Outcomes and Future of Healthcare Delivery in Cardiology: A Narrative Review of the Literature. **Healthcare (Basel)**, Basel, v. 12, n. 4, p. 481, 2024.

GONÇALVES, T. G. C.; *et al.* A aproximação médico-paciente através da anamnese. **Seminário Pesquisar**, v. 4, p. 4, 2016.

LARANJO, L.; *et al.* Conversational agents in healthcare: a systematic review. **Journal of the American Medical Informatics Association (JAMIA)**, v. 25, n. 9, p. 1248–1258, 2018.

LEONEL, J.; *et al.* Inteligência artificial: desafios éticos e futuros. **Revista Bioética**, v. 32, n. 1, p. 88–97, 2024.

NAVES, E. A. Bioética e inteligência artificial: panorama atual da literatura. **Revista Bioética**, v. 32, p. e3552PT, 2024.

NORBERTO, P. B.; RAGO, C. A. P. Ferramentas de saúde digital e sua contribuição para atendimentos mais humanizados. **J. Health Inform.**, v. 16, Especial, p.1-11, 2024.

OBERMEYER, Z.; *et al.* Dissecting racial bias in an algorithm used to manage the health of populations. **Science**, v. 366, n. 6464, p. 447–453, 2019.

OLIVEIRA, J. L.; ROCHA, G.; ALAVARSE, O. M. Rubrica: Recurso na avaliação do aprendizado da anamnese no curso de Medicina.” **Estudos em Avaliação Educacional** v. 35, p. e10674, 2024.

OVANDO, R. G. M.; BOURLEGAT, C. A. L.; PAVON, R. V. Gestão hospitalar e gerenciamento legal de riscos na humanização da saúde. **Brazilian Journal of Development**, v. 9, n. 5, p. 17360–17375, 2023.

PALANICA, A. *et al.* Physicians’ perceptions of chatbots in health care: cross-sectional

web-based survey. **Journal of medical Internet research**, v. 21, n. 4, p. e12887, 2019.

PEREIRA, A. C. *et al.* A escuta ativa como tática de humanização da assistência em saúde mental. **Revista Remecs - Revista Multidisciplinar de Estudos Científicos em Saúde**, Carapicuíba, p. 13, 2023.

PEREIRA, T. M.; *et al.* A contribuição da inteligência artificial para a anamnese no contexto clínico. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, v. 27, n. 5, p. 45-52, 2021.

RIZON, M., THEODOROVITZ, V. C., PESCE, M. K. A estruturação da relação médico-paciente no meio acadêmico e a importância de uma comunicação mais efetiva. **Revista Artigos. Com**, v. 34, p. e10324, 2022.

SILVA, A. C.; *et al.* Aplicações de inteligência artificial no diagnóstico e na anamnese: um estudo de caso. **Revista de Pesquisa Médica**, v. 19, n. 6, p. 100-108, 2020.

SILVA, M. E. S., *et al.* A importância da anamnese na clínica médica – relato de experiência. **Revista FT**, v. 27, n.121, p.1-12, 2023.

SOUSA, A.L.M.; *et al.* Atitudes de humanização dos docentes médicos e fatores relacionados. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 7, n. 1, p. 5578–5596, 2024.

WAGSTAFF, C.; FERNANDES, M. A. Inteligência artificial e as relações terapêuticas na saúde mental: possibilidades e desafios. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 98, n. 2, p. e024342, 2024.

YEHIA, A. C.; *et al.* Anamnese na prática clínica: uma revisão sobre suas aplicações e importância. **Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica**, v. 22, n. 2, p. 116-120, 2024.